

LONGAS distâncias entre casa e escola e o assédio sexual são, entre outras, as principais razões que estão a comprometer a retenção e conclusão de níveis escolares por parte da rapariga no país. Esta observação foi feita há dias, em Quelimane, pela gestora de género e advocacia da Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade, Gina Siteo, durante a realização da III Conferência Nacional da Rapariga, um evento que juntou na mesma sala mais de trezentos participantes.

Segundo Gina Siteo, os estudos que têm sido feitos por aquela organização revelam que a rapariga desiste de estudar porque a escola fica longe de casa, principalmente na zona rural. Para além disso, aquela responsável do programa de Género e Advocacia diz que a escola deve ser um lugar seguro para que a rapariga não sofra de assédio sexual por parte dos colegas, professores e outros funcionários da escola.

Um outro aspecto referido pela nossa entrevistada tem a ver com o fraco envolvimento dos pais e encarregado de educação. "Os pais incentivam muito pouco a rapariga a permanecer no sistema de ensino, de forma a desenvolver todo o seu potencial e buscar novas oportunidades para o seu futuro", disse Gina Siteo, para depois acrescentar que actualmente as escolas não têm água para a higiene, alimentação e actividades alternativas para a formação como, por exemplo, de círculos de interesse.

De acordo ainda com a nossa entrevistada, os vários segmentos da sociedade civil devem unir esforços para a manutenção da

RETENÇÃO DA RAPARIGA NA ESCOLA

Distâncias e assédio sexual comprometem

rapariga na escola e promover actividades como cultura, desporto e empoderamento. Por exemplo, Gina Siteo indicou que os projectos e mega-projectos que estão a ser desenvolvidos nos mais variados domínios devem criar espaço para empregar a rapariga à luz da Carta Africana sobre os Direitos da Rapariga e do Protocolo da SADC.

A formação técnico-profissional deve, igualmente, priorizar a rapa-

riga e os pais deve fazer progressos na reforma legal. Gina Siteo afirma ser preocupante que o país tenha estatísticas abismais, como, por exemplo, uma incidência de 48 por cento de casos de casamentos prematuros; ou seja, em cada cem raparigas quarenta e oito estão envolvidas em casamentos prematuros.

A nossa entrevistada disse ainda que se deve investir mais

nos mecanismos de denúncia, protegendo as vítimas. Aliás, este tema foi bastante discutido e os participantes defenderam que ao invés da linha verde estar apenas nas direcções provinciais da Educação e Desenvolvimento Humano, deve ser extensiva aos distritos e instituir-se mecanismos de acompanhamento para que os infractores sejam exemplarmente punidos.



Raparigas, as maiores vítimas do assédio sexual que depois leva a desistência escolar